

Ulissee

Vai a **Escola Técnica Federal**
A Odisseia do Ensino Médio Integrado.



**Texto : Henrique
Selani Silva**

Bruno José Aragão Pereira

Texto

**Ilustração: HawkLion
Estúdio : PRISMOLIMPIA**

S586u Silva, Henrique Selani; Pereira, Bruno José Aragão.
Ulisses vai à escola técnica federal: a odisseia do ensino médio integrado.
/ Henrique Selani Silva; Bruno José Aragão Pereira, revisão: Gabriela de
Abreu, ilustração: Hawklion. – [2025].
60 p.: il. : digital.
E-book.

“Material elaborado a partir da dissertação ‘O trabalho como princípio educativo no ensino médio integrado e a missão dos IFs via mangá’ desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) do IF Sudeste de Minas Gerais”.

1. Ensino técnico. 2. Escola técnica federal. 3. Mangás. I. Silva, Henrique Selani. II. Pereira, Bruno José Aragão. III de Abreu, Gabriela (rev.). IV. Hawklion (il.). V Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas. VI. Título.

CDD 378.013

Bibliotecária: Julia Aparecida G. Campos/CRB6/2640

APRESENTAÇÃO

Este trabalho que ora você tem em mãos é o segundo Produto Educacional (PE) produzido a partir da pesquisa intitulada “**A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E A MISSÃO DOS IFs VIA MANGÁ**”. A referida pesquisa foi desenvolvida no primeiro e no segundo semestres de 2024.

Denominado de “Ulisses Vai à Escola Técnica Federal: A Odisséia do Ensino Médio Integrado (Texto)”, este PE faz parte dos requisitos estabelecidos para conclusão do programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT).

Aqui no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, o referido programa é oferecido no *Campus* Rio Pomba.

Nosso trabalho está vinculado à linha 2 de pesquisa: “Organizações e Memórias dos Espaços Pedagógicos na EPT” e ao macroprojeto 6: “Organização de Espaços Pedagógicos na EPT”.

Este produto se trata de uma narrativa textual que, assim como a Revista *Mangá* (PE 1), apresenta a história de Ulisses, um adolescente que terá uma experiência com o Ensino Médio Integrado (EMI), no Instituto Federal (IF) *campus* Santos Dumont.

Igualmente ao primeiro produto, este texto é dirigido aos docentes (de qualquer área) e aos discentes do EMI, que tenham o interesse de, através de uma narrativa lúdica e divertida, trabalhar alguns dos conceitos caros à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), tais como: a essência humana, a luta de classes, o dualismo educacional, a Escola Unitária, o EMI, o trabalho como princípio educativo, entre outros.

O presente texto pode ser lido (para si mesmo ou para um público), isoladamente ou conjugado com o PE 1, a Revista *Mangá*. Os 2 produtos são complementares. Alguns elementos narrativos são mais evidenciados na Revista *Mangá* e, outros, no Texto.

Assim, esperamos disponibilizar a você, leitor ou ledor, um material pedagógico instigante, atual e de alta qualidade.

Ulisses Vai à Escola Técnica Federal: A Odisséia do Ensino Médio Integrado (Texto)

Capítulo 1 – Prólogo

Seu Sócrates abre a porta de repente. No fundo do quarto escuro, a silhueta de um corpo repousa sobre a cama. Ela se enrola toda no cobertor...

- Ulisses, o servente vai faltar hoje. Você pode me ajudar lá na obra?

“Que sono! Eu queria ficar na cama a manhã toda... Quem inventou essa coisa de trabalho?”, pensou Ulisses, mas ele disse:

- Ajudo sim, pai. Já tô indo!

- Obrigado, meu filho. Toma café que a gente pega na obra lá na escola às 7:00.

Ulisses olha para o relógio de pulso e ele marca 5:00 da manhã.

O garoto levanta, escova os dentes e troca de roupa.

Na cozinha, come pão com café.

- Amanhã você vai acordar cedo pra ir pro IF, né, meu filho? – pergunta a mãe de Ulisses.

- Mas hoje ele vai comigo - retruca o pai.

Ainda no escuro, eles colocam as ferramentas nas bicicletas e saem pedalando pelas ruas vazias da cidade.

No portão da escola, o zelador dá o bom dia ao seu Sócrates.

- Trouxe um servente?

- Trouxe sim, mas por enquanto. Amanhã ele começa na Escola Técnica Federal. E depois que ele pegar o diploma de técnico, eu vou perder o servente... respondeu o Seu Sócrates.

- Mas isso é bom! Perde um servente, mas ganha um “doutor” na família!, apoiou o zelador.

- Pois é... Tudo que sei, é que quem não sabe nada não vai a lugar nenhum. E com diploma de técnico, esse aí vai longe! É como dizem: “não há limites pro saber”.

- Sábias palavras, seu Sócrates. Isto é só o começo... É como disse o poeta: “ó gloriosa manhã dos inícios”!

- Mas eu não sou poeta, seu Pedro. Eu sou é pedreiro. Deixa eu ir lá, que pra gente a gloriosa manhã de hoje é de virar massa e subir parede. Dá licença...

Sócrates pega o carrinho de mão e começa a preparar, dentro dele, a argamassa. Coloca em justas porções, areia, água e cimento. Ele pega a colher de pedreiro e a entrega para Ulisses que começa a misturar a argamassa.

O pai vai alinhando os tijolos no chão. Ulisses baldeia para o pai a argamassa e Sócrates vai assentando os tijolos, sempre passando uma generosa camada da pasta cinza e espessa e dando umas batidinhas na peça. Pai e filho param, limpam o suor, admiram a obra e se olham...

Depois de um tempo, seu Sócrates fala:

- É assim, meu filho. Toda obra começa com um primeiro tijolo. Um tijolo só. E depois a gente coloca mais um tijolo, e outro e mais outro... Até que surge uma parede. E depois outra parede. E depois uma casa inteira, ou uma escola como essa aqui. Vê você, meu filho, que a coisa não para aí não. De tijolo em tijolo, de parede em parede, construímos casa, escola, hospital, um país inteiro, e o mundo... Digo isso porque é assim na vida também. Amanhã será o seu primeiro dia na Escola Técnica. É o primeiro tijolo na construção de um futuro melhor pra você. Melhor do que ser servente, que eu sei que você não gosta...

- Que é isso, pai! Eu gosto de ajudar o senhor. E afinal, foi com o seu trabalho que o senhor me criou até aqui...

- Eu sei disso, meu filho! Mas é que, a partir de amanhã, você não é mais servente. Você vai ser o mestre de obras do seu futuro! E cada dia de aula é um tijolo que você vai ter que aprumar na construção do profissional que você vai ser, da pessoa que você vai ser.

Lembra disso: uma pessoa é aquilo que ela faz no mundo. Daí, a profissão da pessoa ser muito importante... Cuida da sua construção, meu mestre de obras!

O pai faz silêncio e olha para o filho. Os dois se encaram num silêncio respeitoso de compreensão. Depois, olham para a parede concluída e para as construções da cidade ao fundo.

O dia acaba.

O sol se põe.

A fachada de entrada do IF Sudeste MG, campus Santos Dumont, se agiganta diante de Ulisses. São 8:00 horas da manhã. O dia está bonito e ensolarado.

Ele entra pela portaria. Passa pela catraca e vai deixar sua bicicleta no bicicletário. No caminho, Ulisses vê uma moça recepcionista e diz que é o seu primeiro dia de aula.

- Qual é o seu curso?, pergunta ela.

- Guia de Turismo, responde ele.

Ela então indica o setor em que Ulisses deve se sentar.

O pátio do bloco novo (onde ficam as locomotivas) está apinhado de gente. Muitas cadeiras plásticas estão enfileiradas na frente de um púlpito. Em cima do púlpito está um microfone e atrás dele, uma caixa de som. São os alunos novatos do ano letivo de 2025. Dentro de instantes, o diretor de ensino do campus fará um pronunciamento a todos os calouros.

Ulisses vê uma cadeira vazia e se senta. Ele cumprimenta seus colegas novatos da direita e da esquerda.

- Eu sempre fico ansioso para começar o ano numa escola nova – diz um garoto.

– Ainda mais quando a escola nova é o Instituto Federal – diz o outro.

O diretor se apresenta. Pega o microfone e assim se pronuncia:

- Sejam bem-vindos, calouros do ano de 2025. Meu nome é Virgílio e sou o diretor de ensino do IF campus Santos Dumont.

- Como vocês podem observar à minha esquerda, o nosso campus nem sempre foi uma escola técnica, mas, no passado, ele já foi o pátio da Rede Ferroviária Federal. Por isso, ele abriga todos esses vagões, locomotivas e máquinas que hoje estão desativadas.

- Mas, antes de se tornar IF, aqui foram outras escolas técnicas. Ora municipal, ora controlada através de parceria com a rede privada.

Em 2010, passamos a ser algo muito maior: um dos 10 campi do Instituto Federal do Sudeste de Minas e um dos 48 campi do estado de Minas Gerais. Agora, fazemos parte das 685 unidades da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que em breve chegará a 785 unidades, com a integração de mais 100 novos campi!

- Hoje, fazemos parte de algo inédito, algo jamais visto na história deste país!

- Atualmente, neste espaço, além dos cursos técnicos integrados ao ensino médio ou concomitante/subsequente, oferecemos também cursos superiores (licenciatura em matemática e bacharelado em engenharia) e cursos de pós-graduação *lato sensu*, na modalidade presencial ou EAD.

- Nosso espaço é privilegiado dentro do nosso município. Ele conta com diversos laboratórios, como: o Laboratório de Hidráulica e Pneumática, os Laboratórios de Informática, o Laboratório de Máquinas Elétricas, o Laboratório de Metalografia e Química, o Laboratório de Soldagem, entre outros...

E o diretor continua...

- Oferecemos três cursos técnicos integrados ao ensino médio, a saber: Eletrotécnica, Mecânica e Guia de Turismo. São cursos de três anos de duração que oferecem um diploma também integrado do curso de nível médio e de nível técnico.

- Nossa escola conta ainda com um corpo técnico (técnicos administrativos e docentes) altamente competente e especializado.

- Esperamos que vocês aproveitem da melhor maneira possível a experiência de estudar nesta escola, e que vocês descubram que a educação técnica é uma verdadeira jornada de aventuras!

- Sendo assim, esperamos que vocês reconheçam-se protagonistas desta história que começa agora. Bom estudo a todos e todas!

O diretor despede-se dos alunos, que se encaminham para as suas respectivas salas de aula. A sala de Ulisses, do 1º ano de Guia de Turismo, fica no 2º andar do pátio novo, e é a primeira sala do corredor, à esquerda.

Ulisses e seus colegas entram na sala. Logo em seguida entra o professor que fecha a porta.

Capítulo 2 – O Trem da História

Meio do ano. 17:00 horas. O sinal bate.

A porta da sala 201 se abre e o professor libera os alunos. Ulisses arruma suas coisas na mochila e se prepara para sair da sala.

- Vai embora pra casa agora, Ulisses?, pergunta um colega.

- Não. Vou ficar para estudar na biblioteca. Mas, antes, eu vou lanchar.

Ele sai da sala, desce a escada que dá acesso ao pátio e se dirige para o mezanino. Lá, tira da mochila um pão com manteiga. Ele se senta e começa a comer.

Do mezanino, Ulisses vê os antigos vagões estacionados. Eles são enormes, parecidos com velhos dinossauros metálicos e enferrujados.

A imagem grandiosa dos vagões, com suas carcaças prateadas, chama a atenção de Ulisses. Ao acabar de comer, o garoto pega uma cadeira plástica e se senta bem de frente para um vagão. O eixo de simetria do vagão se une ao do menino, que o vê inteiro por dentro. O olhar de Ulisses atenta para o ponto de fuga, que parece se estender para o infinito, dentro do vagão que se agiganta.

Ulisses sente o corpo cair. Seus olhos pesam como se estivessem com areia. Sua visão fica turva e vai se escurecendo aos pouquinhos...

Breu.

Ulisses sente o chão tremer. Sua visão começa a se abrir aos sons ritmados que fazem “tá”, “tá” e “tá”...

Através do ar pesado, ele vê a silhueta das costas de um homem corpulento, que está trabalhando. Ele parece vestir um macacão de maquinista, todo sujo e empoeirado. Ele joga carvão em uma fornalha com uma pá. O ambiente está quente.

Ulisses vê aquele corpo e dele aparecem várias imagens espiraladas, uma surgindo de dentro da outra, como que subindo num vapor.

Ulisses vê páginas e mais páginas de jornais sendo impressas; vê trabalhadores apressados a entrar em grandes fábricas; vê pessoas reunidas num sindicato, a protestar com as mãos erguidas para o alto; vê dois homens escrevendo e produzindo um livro, que mudaria a história humana para sempre!

E o barulho se repete: “tá”, “tá” e “tá”... O homem para subitamente e olha para trás.

- Ah! Você já acordou?

Ele pega outra pá e a joga rispidamente para Ulisses, que está paralisado com a cena. O homem, apesar de velho, é vigoroso. Ulisses repara na longa cabeleira e barba brancas. O bigode espesso é preto.

- É preciso trabalhar! Vem, me ajuda! – diz o homem.

Ulisses se levanta com a pá na mão e começa a pegar o carvão em uma extremidade da sala de máquinas e o coloca, com dificuldade, na fornalha.

Ele sente o calor do fogo e começa a suar...

- Onde que eu tô?

- Você está no Trem da História!

- Onde?

- É, no Trem da História! Olhe pela janela.

O garoto se debruça na janela e arregala os olhos. Ele vê a terra de cima, com se estivesse voando. Lá embaixo, ele vê montanhas, matas, rios e planícies. Ele aperta os olhos e consegue perceber também animais, que se movimentam.

- Estamos na pré-história da humanidade – diz o velho.

– O ser humano aqui ainda é um símio..., continua ele.

- Símio? – retruca Ulisses, confuso...

- O que é o ser humano, garoto? Vou te dizer. Ele surge quando o símio se destaca da natureza e é obrigado, para existir, a produzir sua própria vida.

- E ele a produz trabalhando!, enfatiza o homem.

- Assim, diferentemente dos demais animais, que se adaptam à natureza, os humanos nascem adaptando a natureza a si. Trabalhando, eles agem sobre ela, transformando-a. Trabalhando, os homens ajustam a natureza às suas necessidades.

- Há quem defina o ser humano como sendo o “animal racional”, ou como um “animal de linguagem”, ou um “animal simbólico”, ou um “animal político” ou um “espírito encarnado”.

- Ao meu ver, todas estas definições sofrem do mesmo problema. Elas partem de uma ideia abstrata e universal de essência humana. Aqui, a essência humana seria dada por Deus ou pela Natureza.

- Não! – e o velho homem agita suas mãos pesadas pelo ar...

- A essência humana é uma criação dos próprios homens! Sempre inacabada e cambiante. Sempre por se renovar e acontecer!

- E os homens se criam trabalhando!

- Diferentemente do animal, que vem regulado pelo instinto, os seres humanos vão mais além. Eles adaptam a natureza para atender seus próprios interesses e necessidades.

- E o que seria esta adaptação da natureza a si, senão o trabalho?

- Meu jovem, grave isso. É o trabalho que nos define! O que somos, não nos foi dado de fora. Nós mesmos, e de maneira contínua, produzimos nossa essência!

- Minha doutrina diz que a essência do homem é um feito humano. Em outras palavras, o que o homem é, o é pelo trabalho!

Daí o velho conclui triunfalmente:

- E o trabalho humano se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo. Nossa essência, e, portanto, o que somos, é um processo histórico!

Ulisses está maravilhado com a sabedoria e retórica daquele homem poderoso.

Subitamente o velho diz:

- Garoto, coloque mais carvão na fornalha! Estamos voando. Nosso trem precisa de energia! Vamos, rápido!

Ulisses obedece e mesmo suando, abastece de carvão o fogo sempre faminto.

- Quem é o ser humano, então? – pergunta o garoto.

- É o trabalho que nos define! Você ainda não entendeu? Deixa eu te explicar!

O velho toma Ulisses pela mão e diz:

- O que os homens produzem, isso é o que eles são!

- Quer saber quem é o homem?, continua o velho:

- Olhe pela janela!

Ulisses obedece.

- O que você vê? – pergunta o homem.

- Eu vejo todos os inventos e criações humanas! Vejo carros, aviões e navios. Ruas com postes acesos. Prédios, casas e pontes. Pessoas usando roupas e calçados, atravessando as ruas...

- E tudo isto comunica, como num grito para os céus, quem o homem é! – diz o velho.

- Em outras palavras, ele continua, todas essas coisas são o que são, porque o homem é o que é, faz o que faz e tem o corpo que tem!

- Mais carvão na fogueira! Vamos atravessar a história humana!

E os dois, juntos, alimentam o fogo.

- Mas nem tudo são flores...

- A história de toda a sociedade humana, dos primórdios até aqui, é a história de lutas de classes.

- Homens livres e escravizados; patrícios e plebeus; barões e servos; burgueses e trabalhadores assalariados... Em suma, opressores e oprimidos!

- Todos esses personagens estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta, ora aberta. Uma luta que, de cada vez, acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade!

- Rápido, você tem que se apressar! Estamos chegando em 2025 e é aqui que você desce.

Ulisses olha pela janela e vê, de cima, o IF campus Santos Dumont.

- Vamos, pule!, gritou o homem.

- Estou com medo..., balbuciou Ulisses.

- Eu vou te dar uma ajudinha...

E o velho se aproxima de Ulisses, que diz:

- Professor, como o senhor se chama?

- Pode me chamar de Marx. Karl Marx! – e o velho arremessa o garoto pelos ares...

Ulisses vai caindo com um grito. Na medida em que cai, ele vê o Instituto mais nitidamente. Vê os prédios. Vê os blocos. Vê os vagões e locomotivas enfileirados. Se vê numa cadeira.

Ele entra dentro de si mesmo e acorda, caindo do assento.

Ele se levanta, assustado e desajeitado e, debaixo da cadeira, encontra um livro.

E a capa do livro diz: “Caderno do Cárcere – Antônio Gramsci”.

Capítulo 3 – No Cárcere

Ulisses chega carregando um livro na porta da biblioteca. A biblioteca está vazia. Lá dentro, a servidora responsável está sentada à mesa da recepção. Ela faz um crochê. Suas mãos movimentam agilmente a linha e a agulha...

- Oi, Ariadne, tudo bem?

- Tudo bem, Ulisses! Do que você precisa?

- Eu tenho que ler um livro importante. Preciso de uma cabine de estudo vazia.

- Pode escolher a que você preferir, diz a servidora sorridente, apontando para as cabines de estudo.

Ulisses se dirige para uma cabine do meio, enquanto contempla aquelas estantes recheadas de livros, como se todo o lugar fosse um grande labirinto em que se esconde o saber...

Ulisses se senta na cabine e coloca o livro em sua frente. Ele observa a capa demoradamente... “Caderno do Cárcere”. “Antônio Gramsci”. Pensa sobre quem seria o autor e o que ele teria escrito.

O jovem abre o livro e tenta ler a página inicial. Então, ele começa a folhear o caderno, vagarosamente, e percebe que as informações estão meio desorganizadas e não parecem seguir uma linha lógica clara. No entanto, algumas palavras se destacam: “Filosofia do Poder”, “Relações de Força”, “Hegemonia”, “Escola Unitária”...

Ao folhear o livro de Gramsci, Ulisses adormece.

Ele acorda. Está debruçado sobre o livro, mas não está mais na cabine de estudos da biblioteca. Ele está sentado sobre uma cadeira de madeira, frente à uma mesa rústica, com um caderno aberto. O ambiente é iluminado apenas por um toco de vela, que se encontra no gargalo de uma garrafa, no canto da mesa. Ulisses observa o ambiente. Trata-se de uma cela imunda. Ratazanas passam e chamam pelos cantos escuros do aposento.

Ulisses sente frio. Ulisses sente medo.

Nota que, em sua mão, há uma pena. Seus dedos estão sujos de tinta. Neste momento, ele ouve um barulho de algo que se movimenta nas sombras, e escuta uma voz que diz:

- Espante o medo, jovem companheiro! Neste momento, precisamos de todo o seu entusiasmo e inteligência. Lá fora, o fascismo grassa incassavelmente, mas nossa luta segue daqui de dentro. Eles pensam que podem prender um homem quando o jogam atrás das grades. Tolos! Não há como enclausurar as suas ideias!

E a voz continua:

- Não importam as adversidades, somos criadores de nós mesmos, de nossa vida e de nosso destino...

Ulisses interrompe:

- Ei, você é Gramsci? Antônio Gramsci!

- Sim. Em pele e osso... Cof, cof, cof..., Gramsci tosse e cobre a boca com um lenço. Em seguida, ele pergunta:

- E quem é você?

- Sou Ulisses.

- Ulisses, que nem o ardiloso grego, rei de Ítaca?

- Isso mesmo.

- Amigo, se houver em você uma centelha da astúcia daquele grego, você é o companheiro certo para a causa.

- Bem, eu passei pro IF... Mas, peraí! Que dia é hoje?

- Hoje é dia 22 de janeiro de 1937. Acabo de fazer 46 anos e já faz 11 anos que eu estou preso. Cof, cof, cof...

Gramsci tosse bastante. Seus olhos estão fundos, rodeados por olheiras. Ele está muito magro e parece debilitado.

- Por que você está preso, Gramsci?

- Me acusaram de subversão.

Ele continua:

- Eu nunca me adequei a este sistema injusto, em que muitos padecem das necessidades e poucos acumulam todas as riquezas. Desde cedo, eu me rebelei e fiz de tudo para espalhar minhas ideias revolucionárias.

O presidiário vem mais para perto da luz.

- Eu escrevi para jornais, dirigi partidos políticos, apoiei a revolução russa e até fui parlamentar. Mas, quando Mussolini assumiu o poder e instituiu a ditadura fascista, ele acabou com a liberdade de imprensa e aumentou o número de prisões de opositores, e eu acabei aqui.

Nesta hora, um guarda passa em frente à cela, com o cacete batendo nas grades, e diz:

- Gramsci, cala a boca!

- Ele te viu? – diz o homem, alarmado.

- Não.

- Ulisses, quando eles passarem, se esconda nas sombras.

Agora, refeito, o garoto muda de assunto:

- Quando eu conversei com Marx, ele me disse algo sobre “luta de classes”. Estamos em guerra, Gramsci?

- Estamos! Uma guerra às vezes aberta, e às vezes muito sutil, que o velho Marx descreveu muito bem. O patrão quer maximizar o lucro e o trabalhador quer receber um salário justo. Seus interesses são antagônicos e irreconciliáveis. A luta de classes é o motor da história, meu jovem!

- E como a gente faz pra encerrar essa luta?

- Mudando a educação!

- A educação?, diz o garoto, chocado.

- Isso, a educação! Veja, a escola divide a sociedade entre aqueles que pensam e aqueles que executam.

E o revolucionário continua:

- Enquanto a sociedade estiver fundamentada em dicotomias, como: pensamento e trabalho, produção e consumo, entre outras, ela estará dividida em classes antagônicas!

- A culpa dessa bagunça também é da escola?, pergunta Ulisses, horrorizado.

- Sim! Pensa comigo, Ulisses: a escola deve ensinar a todos a teoria e a prática! A educação tradicional, que até agora formou a elite para pensar e as classes populares para fazer, deve ser unificada, de modo a acabar com esta separação.

- Todos somos capazes de pensar e de fazer!, Ulisses afirma triunfante, como quem faz uma descoberta.

- O ideal é que todos sejam capazes de ambas as atividades: pensamento e execução. Na sociedade ideal, o mundo do pensamento e o mundo da prática seriam comum a todos, e a luta de classes acabaria.

- Gramsci, cale essa maldita boca! Se eu escutar mais um pio, vou abrir a cela e quebrar todos os seus dentes!, grita um guarda no corredor, agressivamente.

O preso faz o gesto de silêncio com o dedo e Ulisses fica quieto. O guarda vai embora e ele continua:

- Ulisses, é preciso pensar com o pessimismo da razão, mas agir com o otimismo da vontade! Vamos colocar as mãos na massa! Pegue o caderno e a pena, e escreva o que eu vou dizer:

- A unificação pela escola exige que a educação não se desvincule do trabalho. Para que todos façam de tudo, o trabalho deve nortear a atividade pedagógica e deve ser um princípio educativo.

Ulisses anota tudo diligentemente.

- O futuro precisa de uma nova escola. Meus dois filhos pequenos precisam de uma nova escola. E essa deve ser uma Escola Unitária! Ela deve romper com o modelo dual de educação. Deve articular, num mesmo processo, “o saber” e “o fazer”. Saber, para o educando se reconhecer no mundo e fazer, para nele operar!

Gramsci começa a se exaltar e a falar com eloquência como se estivesse discursando:

- Devemos formar integralmente o homem, combinando: o engenheiro americano, o filósofo alemão, o político francês, recriando o homem italiano do Renascimento, o tipo moderno de Leonardo da Vinci transformado em homem-massa!

- Anote, Ulisses: devemos formar pessoas conscientes, aptas para se engajarem na luta por um outro modelo de sociedade, um modelo mais justo e fraterno. Instituições como a escola, quando não existe uma disputa progressista em seu interior, são funcionais à dominação burguesa. Elas reproduzem, cotidianamente, o preconceito contra as classes mais pobres.

Neste momento, o guarda passa na frente da cela e surpreende Ulisses escrevendo no caderno.

- Temos um intruso na cela número 13! Preciso de reforços. Tragam a chave!

Ulisses fica desesperado, enquanto Gramsci começa a amarrar os lençóis da cama, fazendo uma grande tereza de pano.

- Vamos, Ulisses, pela janela!

O homem passa a tereza pro garoto e lhe dá um abraço apertado. Ulisses sente algo massudo sendo colocado no bolso de sua camisa, enquanto os presos das outras celas começam a gritar em agitação.

- Rápido, Ulisses, eu vou segurar uma ponta da tereza e você desce pela outra.

- Mas lá fora está um breu, Gramsci. Eu não vejo nada.

- Meu jovem, para sermos revolucionários, às vezes é necessário darmos um salto no escuro! Vamos, pule!

O garoto desce pela corda improvisada e quando ela acaba, ele salta para o escuro!

Ulisses acorda.

Ele está seguro, na biblioteca do IF *campus* Santos Dumont.

Na cabine de estudos, o livro de Gramsci está aberto à sua frente.

“Grande Gramsci!”, pensa furtivamente o garoto, enquanto Ariadne se dirige a ele e diz:

- Ulisses, querido, a biblioteca irá fechar em 5 minutos. Vamos embora?

- Vamos, Ari!

Ulisses guarda o livro na mochila, arruma as suas coisas e sente algo incomodando no bolso da camisa.

Ele tira o objeto do bolso e descobre que é uma bússola!

Capítulo 4 – A Travessia

Lá fora, chove e relampeia bastante.

Ulisses entra na sala de aula, junto com seus colegas. Ele se senta, como sempre, na primeira carteira da fila da janela.

Vai começar a aula de literatura. Depois que todos entram, a professora entra na sala e fecha a porta.

Ela se dirige para a mesa do professor, e coloca seus apetrechos em cima da mesma. Da mochila ela tira um livro e assim se pronuncia para a turma:

- Boa tarde, meninos. Na aula de hoje, vamos estudar uma obra clássica que ajudou a fundar as bases da cultura ocidental!

E a professora continua:

- A *Odisseia* relata a jornada de regresso do herói grego Odisseu. Ele já se encontrava fora de casa há dez longos anos. Ele deixou sua terra natal para ir para Troia, lutar na famosa Guerra do Cavalo de Madeira.

Nesse momento, estoura lá fora o estrondo de um trovão. Mesmo assim, a história não é interrompida pela mestra:

- Terminada a guerra, é hora de fazer a travessia e voltar pra casa, sua amada Ítaca.

- Na jornada para casa, Odisseu enfrenta muitos desafios. Ele vence a feiticeira Circe, cega o ciclope Polifemo, escuta a canção das Sereias, fica perdido no mar, faz a deusa Calipso se apaixonar por ele e é prometido à princesa Nausicá.

A intensidade da chuva aumenta e Ulisses pensa: “Fechar ou não fechar a janela? Se eu fechar, pode ficar abafado e tá uma brisa tão boa e o cheiro de chuva...”

Ulisses dorme.

Ele acorda no convés de um navio grego! O navio é açoitado pelas ondas e pelo vento. Os marinheiros estão remando tresloucamente. De imediato, Ulisses é surpreendido pela

imagem de um homem amarrado ao mastro. O homem grita e diz improperios. Num destes gritos, ele solta uma bravata contra o Poseidon, o deus do mar!

- Senhor dos mares, abalador da terra, pai do risível Polifemo, isso é o melhor que você pode fazer? Hahahaha!

Quando Odisseu diz isso, uma onda entra convés adentro e joga Ulisses para o mar.

Chove muito e as ondas se agigantam. O navio de Odisseu se afasta. Dentro do mar, Ulisses observa as silhuetas de grandes criaturas marinhas que se aproximam.

Ele sobe para a superfície. Desce. Sobe de novo. Engasga com a água. Quando ele já começa a se afogar, escuta uma voz salvadora que diz:

- Segura na boia!

Ele vê uma boia circular com um orifício, que mais parece um *donut*, ser arremessada em sua direção. Ele se agarra com todas as forças na boia e observa, ao longe, um homem num bote.

O homem puxa a corda e traz Ulisses para cima da modesta embarcação.

- Essa foi por pouco, heim, meu jovem?

- Sim. Ainda bem que o senhor me salvou!

Eles observam as barbatanas dorsais de tubarões que espreitam e circulam na água. Chove muito.

- Bem-vindo à bordo, meu amigo! Meu nome é Eliezer Pacheco.

- Eu me chamo Ulisses. O senhor também sofreu um naufrágio e escapou neste bote?

- Não, não. Apesar de estarmos num bote, estamos juntos no meio de uma travessia!

- Travessia? Pra onde?, diz Ulisses, espantado.

- Para uma nova terra! Para um novo país, mais justo e fraterno!

- Era para termos um navio, mas, com a política econômica neoliberal e privatista, nunca construíram esse navio e só temos mesmo este modesto bote... Agora, como parte da

tripulação, você deve me ajudar a tirar a água de dentro do bote!, diz o homem entre estrondos de trovões.

Eliezer passa um balde para Ulisses, que começa a retirar a água de dentro da embarcação. Enquanto o garoto faz esta atividade, ele escuta uma voz:

- ULISSES!

- Ouviu isso, Eliezer?

- Isso o quê? Um trovão?

- Sim, parecia chamar o meu nome.

-Para mim, era só um trovão. Continue a baldear. O nível da água está subindo mais depressa!

Então, Ulisses, baldeando o bote, continua o papo:

- O senhor já morreu? Como Marx e Gramsci?

- Morto? Não, não. Estou vivinho da silva. Eu sou um dos teóricos brasileiros que ajudaram a pensar a estrutura do Ensino Médio Integrado! No final de 2008, surgiram os IFs e eu estava lá!

- O senhor ajudou a construir os IFs?

- Sim! A sua estrutura pedagógica e missão! Veja bem, a escola contemporânea deve se recusar a formar consumidores no lugar de cidadãos! Ela deve se recusar a submeter a educação à lógica do capital, colocando o currículo como instrumento do simples treinamento de habilidades e técnicas a serviço da reprodução capitalista.

- Você quer dizer que a educação profissional não é o simples treinamento de uma profissão?

- Isso mesmo! A isto damos o nome de “Educação Omnilateral”. Uma educação que trabalhe o educando integralmente: a sua dimensão física, emocional, artística e profissional. E digo mais, Ulisses. É hora de pensar na sociedade! A educação deve tomar um lado e se comprometer com a emancipação das classes historicamente exploradas e alijadas dos processos sociais.

- Ulisses, o IF deve ser uma escola democrática!

E Eliezer continua:

- No IF, deve-se combater todas as formas de preconceito. Sua educação deve ser humanista, pacifista, preocupada com a preservação da natureza e profundamente vinculada à solidariedade entre todos os povos.

- E eu digo mais, meu caro amigo: o ensino médio integrado é um caminho possível para que alcancemos estes objetivos e façamos a travessia!

- O objetivo do ensino médio integrado, ou EMI, como a gente costuma dizer, é o de formar um cidadão para o mundo do trabalho e não um profissional para o mercado.

- O mundo é algo sempre em construção, não é, Eliezer?

- Sim! E o jovem egresso do EMI deve fazer parte desta construção! Ele deve reconhecer e participar ativamente dos espaços de decisões de sua comunidade local e regional.

E o professor Eliezer continua:

- O EMI pode formar um técnico, ou um pensador, ou um artista, ou tudo isso! Sua intenção recai no princípio de superação de um preconceito de classe, o de que o trabalhador não pode ser um intelectual.

- Ulisses, penso que depois de tudo isto, já sabemos por onde temos que navegar, não é?

- Sim, Eliezer. E eu trouxe uma coisa que pode ajudar!

Ulisses tira um objeto do bolso da camisa e o entrega ao professor. Ele o pega e vê que se trata de uma bússola.

- Vamos, o caminho é por ali!, diz Eliezer, animado.

Os dois pegam os remos e os colocam na água. Na medida que avançam, o tempo vai se firmando, até que começa a fazer sol!

- Veja, Ulisses, terra à vista!

Ulisses olha e vê uma praia que se avizinha. Os dois vão remando e o bote chega na areia.

- ULISSES! ULISSES!

O garoto escuta uma voz intensa que o chama, como se viesse de um outro mundo.

- Ulisses, acorda!

Ele acorda sobre uma poça de baba. Está na sala de aula. A professora está pegando em seu braço e fazendo movimentos leves.

Ele acorda de supetão.

- Professora, eu entendi tudo: a Odisseia, a travessia, o EMI... Tá tudo relacionado!!!

Capítulo 5 – Epílogo

Seu Sócrates está apertando o nó da gravata no espelho do banheiro, quando sua esposa chega e diz:

- Anda rápido, Sócrates! Não podemos nos atrasar para a formatura. O Ulisses já está nos esperando no IF.

Seu Sócrates termina o nó da gravata e ajeita o terno. Ele sai do banheiro e sua figura arrumada impressiona a mulher. Apesar de já ser mais velho, seu Sócrates continua um homem muito bonito e vistoso.

Os pais de Ulisses arrumam as últimas coisas e se dirigem para a garagem da casa. Lá, o velho fusca da família os aguarda. Eles entram no veículo e partem em direção ao IF *campus* Santos Dumont.

Parando o carro no estacionamento da escola, os dois reparam na quantidade grande de pessoas, familiares dos formandos, que fazem fila para entrar no local. As pessoas são muito variadas e estão, todas, muito bem arrumadas e produzidas. É dia de festa!

Seu Sócrates e sua esposa tomam lugar na fila, que se movimenta. Em alguns minutos, eles entram.

O pátio do bloco 1 está todo ornamentado. A parte da frente está destinada aos formandos, e a parte de trás, aos familiares.

Seu Sócrates pega o telefone celular e liga para Ulisses.

- Onde você está, meu filho?

- Pai, estou terminando de me arrumar. Estou na porta da biblioteca. Vem cá me encontrar.

Os pais de Ulisses se encaminham para a biblioteca e veem, orgulhosos, o filho sair lá de dentro vestindo uma beca.

- Você está lindo, meu filho!, diz a mãe de Ulisses, toda orgulhosa.

Neste momento, Virgílio, o Diretor de Ensino, pega o microfone e se dirige ao público:

- Olá, boa tarde a todos e todas! Peço, por gentileza, que os formandos assumam seus lugares aqui na frente. Em instantes, iniciaremos a solenidade de formatura.

Ulisses beija seus pais e se encaminha para o seu lugar. Na cadeira, ele comprimenta seus colegas formandos que se avizinham.

O diretor Virgílio retorna ao microfone e assim se pronuncia:

- Prezados formandos, familiares e amigos, hoje é um dia muito especial! Especial porque celebramos o fim de uma jornada magnífica! A jornada do Ensino Médio Integrado!

- Hoje estão formando os estudantes dos 3º anos dos 3 cursos médios integrados que nossa escola oferece, a saber: Guia de Turismo, Mecânica e Eletrotécnica.

O diretor limpa o suor do rosto com um lenço e continua sua fala:

- Durante os últimos três anos, vocês ralaram, estudaram duro, mas também se divertiram, cresceram e trocaram experiências. Esperamos que este processo de ensino-aprendizagem tenha contribuído para a formação integral de vocês.

Virgílio arruma o nó da gravata e prossegue:

- Esperamos entregar para a cidade mais do que técnicos formados. Esperamos entregar cidadãos que interfiram na sociedade de uma maneira positiva.

- Aqui no IF *campus* Santos Dumont, defendemos a ideia de que todos que trabalham no ambiente escolar, são agentes políticos, e como tais, devem estar a serviço de uma escola democrática e popular.

- A educação deve ser um instrumento de inclusão social e de construção de uma nova sociedade fundada na igualdade. Para esse objetivo, deve-se construir uma escola vinculada ao mundo do trabalho, democrática e que lute por justiça social.

- Dito isto, declaro formados nossos alunos e alunas!

Os formandos levantam-se das cadeiras e atiram os chapéus para cima, numa festa generalizada! Os familiares e amigos presentes batem palmas. O diretor volta ao microfone e diz:

- Vamos passar para a entrega dos diplomas. Começamos pelo curso de Guia de Turismo...

E Virgílio vai chamando os alunos do curso em ordem alfabética até que por fim, ele chama Ulisses, que é o último aluno da turma.

- É com muito orgulho que venho chamar o aluno Ulisses da Silva Santos!

O jovem sai da cadeira e se dirige até o diretor, que lhe entrega o canudo do diploma. Seus pais se aproximam e o abraçam.

Algum tempo depois...

Um grupo de pessoas faz fila para entrar na Casa de Santos Dumont, um museu localizado na cidade de Petrópolis.

Uma silhueta alta aparece na porta, e assim se dirige ao grupo:

- Bom dia, pessoal. Meu nome é Ulisses, e eu sou o guia de vocês nesta visita à casa de Santos Dumont.

O profissional conduz o grupo pelos diversos espaços da casa, e, enquanto isso, diz:

- Alberto Santos Dumont foi um grande inventor brasileiro. Nasceu em Santos Dumont, Minas Gerais, em 20 de julho de 1873, e morreu de desgosto no Guarujá, São Paulo, em 23 de julho de 1932, após ver sua maior invenção, o avião, ser usada para bombardear a cidade de São Paulo na revolução de 1932.

Mostrando o mobiliário, Ulisses continua:

- Esta casa foi construída no antigo Morro do Encanto, em 1918, e foi em 18 de abril que ele efetuou a compra deste terreno. A casa foi desenhada e planejada por Alberto Santos Dumont, com a ajuda do engenheiro Eduardo Pederneiras, para servir de residência de verão; e, devido à sua localização, foi carinhosamente apelidada de “A Encantada”.

Ulisses passeia pela casa e continua dizendo:

- O museu conta com acervo de objetos, livros, cartas e mobiliário, bem como o chuveiro e a escada de entrada, com degraus em forma de raquete, que só se pode acessar começando com o pé direito.

Na saída, um dos visitantes se dirige ao guia e fala:

- Nossa, rapaz, você entende mesmo de Santos Dumont, heim! É seguro e explica as coisas muito bem!

E Ulisses responde:

- Eu tive uma ótima formação, com excelentes professores!

FIM.

Sobre os Autores:

Henrique Selani Silva:

Um mosaico de mil característica em uma só pessoa! Henrique é formado em Física e em Filosofia e atua profissionalmente nas duas áreas. Neurodivergente. Escorpiano. Progressista.

Poeta. Diretor de teatro de escola. YouTuber. Amante de livros e HQs. Nerd. Intenso...

Hawk

Multiartista e mangaká. "Meu sonho é dar novas cores aos pássaros e pintar o céus de diferentes cores. Em busca do verdadeiro paraíso".

Se você gostou dos meus traços, me siga e explore outras dimensões. Interessados em contratar meus serviços também podem me seguir e entrar em contato!
@Hawklionx
Gmail:
z.oficial.studio@gmail.com

Se você curtiu a história do presente Mangá e tem alguma sugestão, elogio, ou crítica, entre em contato!

E-mails:
Pessoal: hselanisilva@gmail.com
Institucional: henrique.silva@ifsudestemg.edu.br
Instagram: henriqueselan



Bruno

José Aragão Pereira

Pai do Jorge Miguel e namorado da Camila, Professor de Português, Literatura e Redação do IFF Macaé, Game Designer de primeira viagem, enxadrista bissexto, poeta e escritor de final de semana, artesão de bonecos e brincante. Bruno é licenciado em Letras e doutor em Estudos de Linguagem pela UFF e tem TEA e SD/AH.

